

Braga na Antiguidade Tardia. As novas expressões construtivas

Manuela Martins*

Jorge Ribeiro**

Fernanda Magalhães***

Raquel Martinez Peñin****

Resumo

Este trabalho pretende dar a conhecer as novas expressões urbanísticas e construtivas, datadas da Antiguidade Tardia, detetadas nos espaços abandonados do teatro romano de *Bracara Augusta*, bem como na sua envolvente, em resultado das escavações que aí têm sido realizadas pela UAUM desde 2012. Localizado a poente do *forum*, o teatro romano foi construído nos inícios do século II, juntamente com umas termas públicas anexas, tendo sido implantado numa área que correspondia ao remate da plataforma mais alta da cidade romana. Após o seu abandono, no século IV, parte da estrutura terá sido desmontada, tendo alguns dos seus espaços sido reutilizados nos séculos V-VII como áreas habitacionais ou artesanais. A natureza das estruturas identificadas e a sua datação tardo antiga tornam este setor da cidade num local privilegiado para analisar a evolução urbana ocorrida numa área nobre da cidade que acabou por ser totalmente abandonada na Alta Idade Média.

* Professora Catedrática do Departamento de História da UMinho; Responsável da UAUM.

** Bolseiro de Pós-Doutoramento da FCT (SFRH/BPD/79511/2011); Lab2PT e UAUM.

*** Bolseira de Investigação (PTDC/HIS-ARQ/121136/2010); Lab2PT e UAUM.

**** Bolseira de Pós-Doutoramento da FCT (SFRH/BPD/78538/2011); Lab2PT e UAUM.

1

Introdução

As investigações arqueológicas realizadas na cidade de Braga, desde 1976, no âmbito do 'Projeto de Bracara Augusta', permitem hoje conhecer com bastante rigor as características do tecido urbano e da construção da cidade romana alto-imperial, bem como a sua evolução no Baixo-Império (Martins, 2009; Martins et al., 2012). Menos conhecida é a evolução da cidade na Antiguidade Tardia e na Alta Idade Média, períodos de profunda transformação das características urbanas e construtivas, constatada pela arqueologia, mas ainda de difícil valorização conjunta (Fontes et al., 2010; Martins e Ribeiro, 2013). No entanto, a arqueologia documenta que à extensa e florescente cidade do século IV, com cerca de 48 hectares de área intramuros, sucede uma não menos dinâmica cidade nos séculos V e VI, que regista um bom ritmo de importações e uma intensa atividade construtiva. De facto, a instalação dos Suevos na região não significou qualquer colapso da vida económica e cívica da cidade, que persistiu, muito embora se tenha desenvolvido uma nova centralidade na área da atual Sé catedral, onde se edificou o complexo episcopal, registando-se igualmente o paulatino abandono dos anteriores espaços e edifícios públicos romanos, sem funcionalidade no novo quadro ideológico formalizado pelo Cristianismo (Fontes, 2009; 2015).

O registo arqueológico documenta que amplos setores da cidade mantêm nos séculos V/VII a estrutura organizacional da antiga *urbs* romana, de matriz ortogonal, com os seus eixos viários e quarteirões quadrados, onde nos séculos anteriores se haviam instalado ricas *domus* de peristilo, que atingirão, no século IV, a sua máxima opulência. Nos séculos seguintes algumas dessas *domus* podem ter mantido a sua estrutura, persistindo ocupadas pelas elites urbanas. No entanto, a arqueologia documenta processos de fragmentação das anteriores áreas habitacionais, que descaracterizam a planimetria das *domus*, sugerindo novos possesores, mas, sobretudo, novos modos de vida que se instalam no espaço urbano bracarense. A cidade conheceu também novas dinâmicas construtivas, que afetaram sobretudo áreas correspondentes a anteriores espaços e edifícios públicos, que são progressivamente abandonados, como aconteceu com o teatro romano que terá deixado de funcionar

no século IV. A desafetação e parcial desmontagem deste último edifício e o abandono das termas públicas, nos inícios do século V, converteram este setor monumental da antiga cidade romana de *Bracara Augusta* numa área periférica, onde paulatinamente se foram fixando construções de carácter residencial e artesanal, que parasitam as anteriores estruturas romanas.

Assim, ao contrário do que aconteceu noutros setores da extensa área urbana da cidade baixo-imperial, onde persistiu a estrutura da antiga cidade romana, a área envolvente do teatro vai conhecer uma nova dinâmica urbanística e construtiva, durante toda a Antiguidade Tardia, cuja característica dominante reside no seu carácter iminentemente orgânico. Uma vez desafetados os equipamentos públicos, estes não só forneceram abundante matéria-prima para novos edifícios, como se constituíram como estruturas de apoio e contenção de novas construções. Estamos assim perante uma área onde se ensaiaram novos processos construtivos que documentam a dinâmica dos núcleos urbanos tardo-antigos na Península Ibérica.

2

Braga na Antiguidade Tardia

Entre finais do século III/ inícios do IV *Bracara Augusta* torna-se capital da nova província da Galécia, criada por Diocleciano, sendo dotada de uma poderosa muralha, com torreões, com um perímetro de 2300m que cerca uma área urbana com cerca de 48 ha (Martins et al., 2012). A arqueologia documenta que cidade do século IV conheceu amplas remodelações dos edifícios públicos e privados, sendo possível identificar igualmente uma intensa atividade económica que se associa ao novo protagonismo político da cidade. Por outro lado, o registo arqueológico aponta para que a instalação dos Suevos na região, nos inícios do século V, não tenha perturbado o dinamismo da cidade, que permanece ocupada na sua maior extensão, constatando-se uma persistência de importações que registam a continuidade das relações atlânticas precedentes, bem como das oficinas de produção local de cerâmica e de vidro.

Tal como vem sendo reconhecido noutros centros urbanos da Hispânia a arqueologia demonstra a continuidade do traçado urbano clássico na Antiguidade Tardia, o qual será progressivamente marcado pelo Cristianismo, a principal força legitimadora do poder na parte ocidental do Império desde o ano 336. De facto, a cristianização da sociedade e o aumento do poder dos bispos, cada vez mais influente, acabarão por influenciar a evolução da topografia urbana, que começa lentamente a transformar-se, entre os séculos V-VII. Também a diminuição do papel político e lúdico das cidades, em benefício do seu papel predominantemente episcopal e fiscal, contribui para essa transformação, conduzindo ao abandono de espaços e edifícios públicos e à reconfiguração de novas centralidades urbanas (Kulinowsky, 2004). Em Braga este processo de mudança inicia-se a partir do século IV, com o abandono do teatro, acentuando-se na primeira metade do V com o fim do funcionamento de vários complexos termais (Martins, 2005). Por outro lado, a construção da primeira basílica cristã, situada na área intramuros e periférica da cidade, datada de inícios do século V, irá condicionar a evolução urbana dos séculos posteriores, uma vez que aí se edificará o complexo episcopal bracarense, que criou um novo polo de poder (Fontes et al., 1997-98; Fontes, 2009; 2015).

A tendência registada a partir do século IV para a desafetação dos clássicos espaços de poder, como o foro e de grandes edifícios ligados ao ócio, como as termas e os edifícios de espetáculos, criará, entretanto, áreas intramuros onde se instalam novas construções de carácter habitacional, artesanal ou mesmo agrícola. Em Braga este processo encontra-se assinalado na área envolvente do teatro romano, edifício desafetado no século IV, onde a partir do século V assistimos ao aparecimento de novas construções com diferentes funcionalidades (Martins et al., 2015).

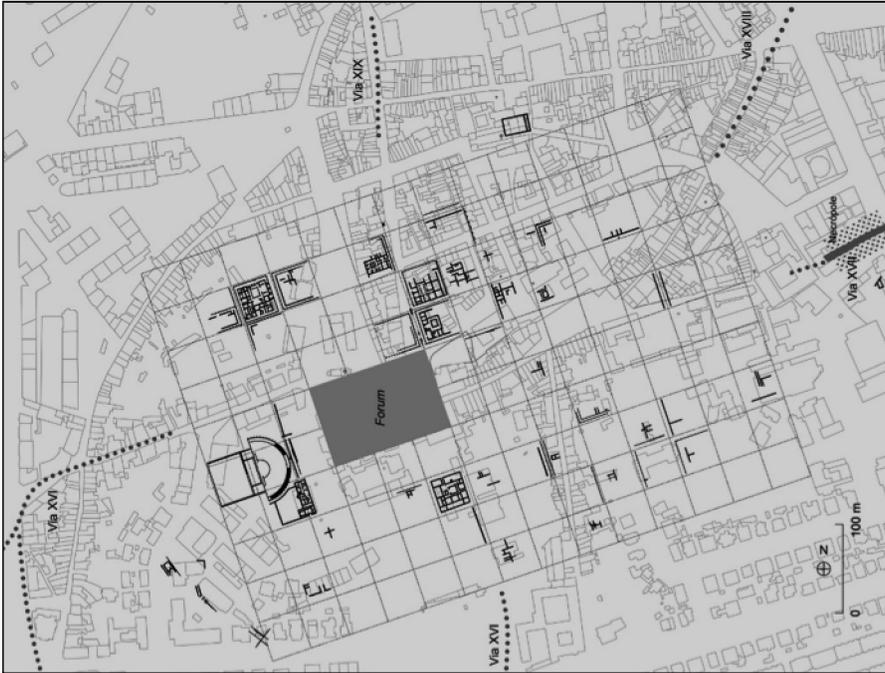


Figura 1 – Malha urbana de *Bracara Augusta* no Alto Império com localização do teatro.

3

As construções tardo antigas da área do teatro

O teatro romano de *Bracara Augusta*, construído nos inícios do século II, juntamente com umas termas públicas anexas, ocupou um espaço privilegiado da cidade, situando-se a oeste do *forum* (Martins et al., 2013; 2015). A construção dos dois edifícios originou uma primeira transformação urbanística deste setor da cidade, uma vez que a sua implantação implicou a desafetação de quatro eixos viários e o arrasamento de construções prévias. O fim do ciclo de vida de ambos os edifícios, datado do século IV/inícios do V, determinou a instalação neste setor da cidade de construções de cariz diverso, documentadas nas escavações que têm vindo a ser conduzidas no local, no âmbito do estudo do teatro, em curso desde 2004.

Até ao momento foram identificadas quatro unidades construídas com cronologia tardo-antiga. Uma delas localiza-se no *parascaenium* norte do teatro e as outras na plataforma superior norte do teatro, tendo sido detetadas em 2006 e intervencionadas desde 2012. Neste trabalho daremos conta de três dessas construções que designaremos, respetivamente, como unidades construídas 1 (UC1), 2 (UC2) e 3 (UC3) (Martins et al., 2015).

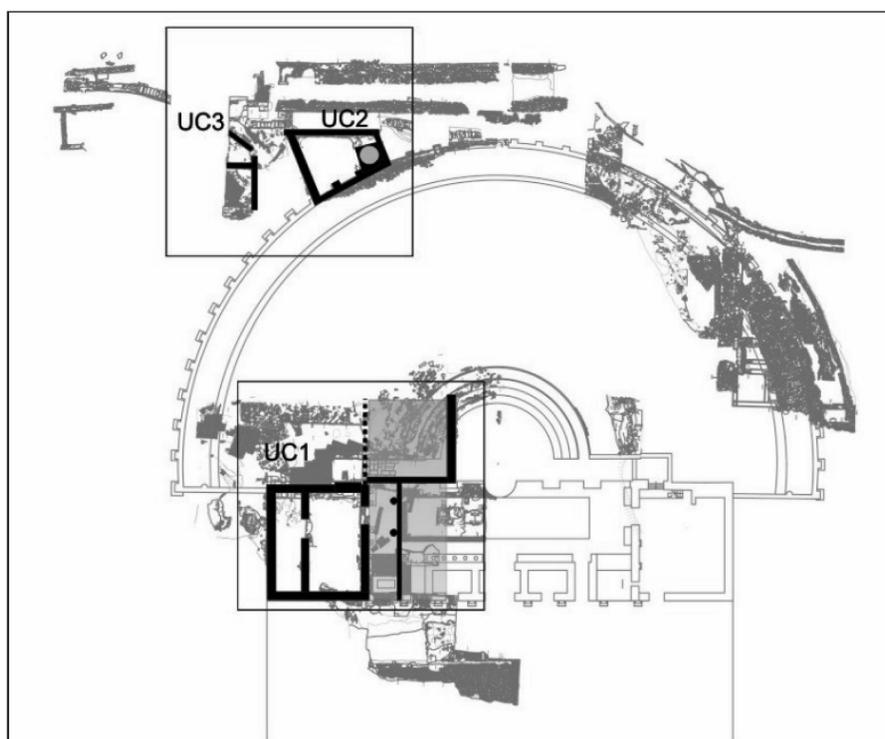


Figura 2 – Planta do teatro com localização das áreas correspondentes às unidades construídas tardo antigas.

Unidade construída 1 (UC1)

A totalidade da área correspondente ao *parascaenium* norte do teatro foi utilizada em época tardo antiga por uma construção que pode ser datada entre os séculos V e VII. Esta estrutura reutilizou parte dos muros do teatro, tendo sido

erguidos outros novos que ajudaram a formalizar um novo espaço. Entre os novos muros destacamos aquele que fechou a anterior passagem entre o *aditus* e o *parascaenium*, na zona das escadas. Igualmente encerrado foi o espaço entre os silhares centrais que definiam as alas da basílica. A formalização deste novo espaço doméstico implicou o desmonte da parede sul do *parascaenium*, pelo que presumimos que o novo espaço se estendia para além desse limite, integrando parte do *hyposcaenium* do teatro. A nova construção estaria organizada em dois espaços, possuindo um piso de terra batida, compacta, que revelou elementos de mós manuais. Sobre o solo foram identificados vários elementos arquitetónicos, que supomos originários da frente cénica do teatro, reaproveitados para sustentar a cobertura de um possível alpendre.

A instalação desta unidade construída articula-se com o entulhamento do *hyposcaenium* do teatro, destinado a regularizar o solo. No seu interior foram encontrados vários elementos de arquitetura, designadamente um capitel coríntio de granito e uma base de coluna. Por outro lado, é possível associar a esta mesma construção alguns dos vestígios detetados na *orchestra*, em particular um murete, que terá funcionado como estrutura de contenção, permitindo elevar a cota do solo.

É difícil de precisar a funcionalidade desta unidade construída, muito embora a natureza dos materiais arqueológicos associados pareça apontar para a sua possível utilização habitacional. Por outro lado, as suas características conferem-lhe alguma qualidade construtiva, resultante da utilização dos muros do teatro, bem como algum cuidado estético resultante da reutilização de colunas da anterior frente cénica.

Unidade construída 2 (UC2)

Na área adjacente ao muro perimetral do teatro, no quadrante nordeste e numa cota bem superior, foram identificadas outras unidades construídas que revelam características técnicas e funcionais distintas da UC1. Destacamos, em particular a UC2 que corresponde a uma estrutura de planta trapezoidal, que se anexa ao muro perimetral do teatro, usado como alicerce da parede oeste da construção (Fig. 2). Na verdade, os trabalhos arqueológicos realizados evidenciaram uma destruição intencional do muro de fachada do teatro e dos

respetivos contrafortes, estruturas que foram integradas na construção tardo antiga. Assim, ao contrário do que se verifica com a UC1, que manteve os eixos dominantes da *scaena* do teatro, herdeira do traçado ortogonal anterior, a UC2 adapta-se de forma orgânica às pré-existências e à morfologia do terreno.

A nova construção exhibe uma área de sensivelmente 67 m² tendo sido realizada com muros baixos, assentes em terra, constituídos por blocos pétreos irregulares de xisto que suportariam paredes de madeira e de argamassa, sendo o piso de terra batida, bastante compacta. Os derrubes deste compartimento revelaram uma reduzida quantidade de fragmentos de *tegulae*, facto que leva a supor que a cobertura seria constituída por materiais percíveis, certamente suportada por uma estrutura de madeira.

A funcionalidade deste espaço é facilmente deduzida pela presença de um forno que denuncia o seu uso artesanal. A estrutura assenta num embasamento de pedra de planta quadrangular, com paredes de granito e xisto, que se encontra sobrelevado a 1 m acima do solo. Os vestígios preservados do forno correspondem à sua base circular, com cerca de 2m de diâmetro, feita de tijoleiras. A cobertura não se conservou, mas deveria ser feita de tijoleiras, tal como o denuncia uma das fiadas que se preservou, revestidas de argamassa de argila, encontrada em depósito sobre o lastro da estrutura, incorporando um grande número de fragmentos de tijolos. A boca do forno situava-se no lado norte, tendo a delimitá-la duas pedras dispostas ao alto.

Unidade construída 3 (UC3)

A outra construção conhecida (UC3) foi apenas parcialmente escavada, desconhecendo-se a sua funcionalidade. Dela são conhecidos apenas três muros que formalizam dois compartimentos. Um deles é aparentemente quadrangular, contactando com um outro, de forma mais irregular, que resulta da sua adaptação à parede do aqueduto romano que abastece as termas. As suas características construtivas são semelhantes às já referidas para a UC2. Os muretes feitos de placas de xisto, com cerca 0,45 cm de altura, encontravam-se cobertos por uma espessa camada de argamassa, o que sugere que as paredes utilizariam esse material para recobrir uma qualquer estrutura interna de madeira. Os pisos eram de terra batida, compactada, tendo sido identificados dois, que definiam distintos níveis de circulação.

4 Considerações finais

Tal como muitas outras cidades hispânicas de fundação romana Braga manteve-se ocupada durante toda a Antiguidade Tardia, período durante o qual conhecerá transformações da sua topografia, resultantes, quer das cristianização do espaço urbano, quer da desativação dos antigos espaços e edifícios públicos que criaram novas áreas urbanizáveis intra e extra muros. Assim aconteceu com a importante área pública, anexa ao *forum*, onde se situava o teatro romano, desativado no século IV, que conheceu uma nova ocupação a partir de inícios do século V, altura em que as termas públicas, situadas a sul, foram igualmente desativadas (Martins, 2005).

Embora os dados disponíveis para caracterizar a ocupação tardo antiga da vasta área situada a poente do *forum* se reduzam ainda a um número restrito de novas unidades construídas, julgamos que estamos perante um setor da cidade que conheceu uma intensa ocupação na Antiguidade Tardia, antes do seu total abandono a partir do século VIII. Trata-se, por conseguinte, de uma importante área para compreender os complexos processos que caracterizaram a evolução da cidade durante os domínios suevo e visigótico (séculos V-VII).

A evolução urbana e construtiva de Braga está igualmente relacionada com a difusão do Cristianismo e com o crescente poder dos bispos bracarenses que deixarão as suas marcas na cidade e no território, através de novos projetos construtivos de prestígio, seja no complexo episcopal, que se localizava intra-muros, na área onde se situa hoje a Catedral, datado dos inícios do século V, seja através de outras basílicas construídas nas imediações da cidade, ao longo das vias que saíam de Braga, mas também em locais emblemáticos do poder suevo, como poderá ser o caso de Dume e da Falperra (Fontes, 2009; 2015). No caso de Dume estamos perante uma *villa* romana que foi transformada num mosteiro, local onde será igualmente erguida uma basílica no século VI, por ação de S. Martinho de Dume (Fontes, 1995; 2008). Trata-se de um complexo construtivo, claramente associado à ação da monarquia sueva e à conversão do rei Charrarico ao Cristianismo. No caso da Falperra, local situado a 3km de Braga, num monte sobranceiro à cidade, que conheceu ocupação pré-romana,

dispomos de indícios seguros da construção de um complexo palaciano, com uma basílica anexa, que poderá representar um dos principais locais de permanência da corte sueva (Fontes, 2009; 2015).

No interior da cidade a imagem é igualmente de grande dinamismo construtivo, ao longo do século V, essencialmente articulado com novos espaços habitacionais e artesanais que ocupam anteriores edificadados abandonados, como acontece com a UC1, ou são construídos de novo aproveitando pontualmente estruturas preexistentes (UC2).

Estes vestígios confirmam uma vivência ininterrupta de Braga durante a Antiguidade Tardia, demonstrando o uso de novas técnicas construtivas e a utilização de novos materiais de construção de aprovisionamento local. Globalmente as novas construções revelam um forte carácter orgânico, adaptando-se sem constrangimentos às preexistências e características do terreno. Trata-se de estruturas heterogéneas, umas mais complexas que outras, dependendo da sua desigual funcionalidade. Algumas dessas construções revelam evidentes novidades na utilização de embasamentos de xisto, sobre os quais se desenvolveriam paramentos de madeira e argamassa, sendo muito presumivelmente cobertas por materiais perecíveis.

A presença destas novas construções de carácter habitacional e artesanal, que se apropriam claramente de anteriores espaços públicos e parasitam as estruturas parcialmente desmanteladas dos mesmos, na circunstância o teatro e o aqueduto de abastecimento das termas, define uma nova lógica de ocupação e de organização das áreas periféricas intramuros. Na verdade, no contexto da Antiguidade Tardia regista-se uma perda de sentido dos anteriores espaços e edifícios associados ao lazer, mas também das construções que definiam as infraestruturas de adução de água, ou de evacuação das mesmas. Trata-se de um processo bem documentado noutros contextos urbanos coevos (Arce, 2005), que atinge também os espaços forais da maior parte das cidades, que passam a ser ocupados com funções residenciais, artesanais e sepulcrais (Mateos e Alba Calzado, 2001).

A ocupação por novas construções de anteriores áreas públicas intramuros, que evidenciam um carácter artesanal, mas também um claro vínculo a atividades

de subsistência, como a moagem, representada na UC1, parece subentender a instalação no espaço urbano bracarense de novos contingentes populacionais. Com uma base social aparentemente humilde, esses contingentes poderão ter origem na região, com destaque para os camponeses e artesãos, ou mesmo na periferia da cidade, podendo evidenciar um movimento associado a uma maior proteção de um segmento populacional mais desfavorecido, que se teria acolhido dentro da área fortificada a partir do século V.

O processo de reutilização de edifícios públicos romanos, abandonados nos séculos IV e V, constitui um fenómeno bastante frequente durante o período tardo antigo, estando documentado na maioria dos núcleos urbanos da Península Ibérica. Tomando por referência a cidade de Mérida, capital da Lusitânia e uma das cidades peninsulares mais extensamente escavadas, pode referir-se o processo de desafetação dos espaços públicos, com destaque para as áreas e edifícios do *forum* provincial, logo na primeira metade do século V, onde se instalam diversas estruturas de carácter doméstico (Mateos, 2006). Por outro lado, os novos edifícios públicos, agora de carácter religioso, surgem na periferia da cidade, como acontece com a basílica de Santa Eulália (Mateos, 2005). Este processo ocorre igualmente em Córdoba desde os finais do século IV, tendo as construções como o teatro, *forum* ou o circo sido reutilizadas e construídas como espaços de uso doméstico (Castro del Río, 2006).

Assim, a arqueologia comprova que o núcleo urbano de *Bracara* sofreu um processo dinâmico de transformação na Antiguidade Tardia, onde o tecido urbano se foi adaptando aos novos poderes políticos e religiosos, mas também aos novos hábitos de vida e a uma nova conceção de *civitas*. Reconhecemos, por isso, que a área do teatro, para além do seu interesse, relacionado com a importância patrimonial daquele edifício, possui um notável potencial científico, pois conserva ainda importantes testemunhos que ajudam a conhecer melhor os processos de transformação e evolução da cidade romana para a tardo antiga, razão porque continuam a desenvolver-se trabalhos arqueológicos de investigação neste setor da cidade de Braga, da responsabilidade da UAUM.

Bibliografia

- ARCE, Javier – *Bárbaros y romanos en Hispania (400-507 A.D)*. Madrid: Marcial Pons Historia, 2005.
- CASTRO DEL RIO, Elena – El conjunto arqueológico del parque infantil de tráfico de Córdoba: la ocupación tardoantigua del suburbio occidental de Colonia Patricia-Corduba. *Anales de arqueología cordobesa*, n.º 17, 2006, p. 103-118.
- FONTES, Luís – A Igreja Sueva de Dume. *Actas da IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 1995, p. 415-27
- FONTES, Luís – A Igreja sueva de São Martinho de Dume – Arquitectura cristã antiga de Braga e na Antiguidade Tardia do Noroeste de Portugal. *Revista de História da Arte*, 6, Lisboa, 2008, p. 163-181.
- FONTES, Luís – O período suévico e visigótico e o papel da igreja na organização do território. In *Minho. Traços de Identidade*, Braga: UMinho, 2009, p. 272-295.
- FONTES, Luís – Powers, Territories and Christian Architecture in Northwest Portugal: An approach to the landscape of Braga between 5th and 11th centuries. In *Churches and social power in early medieval Europe*, London: Brepols, 2015.
- FONTES, Luís; LEMOS, Francisco Sande; CRUZ, Mário – ‘Mais velho’ que a Sé de Braga: intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar. *Cadernos de Arqueologia*, 14-15, 1997/98, p. 137-164.
- FONTES, Luís; MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo; CARVALHO, Helena – A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII. *Actas del Congreso Espacios Urbanos en el Occidente Mediterráneo (s. VI-VIII)*, Toledo: Toletum Visigodo, 2010, p. 255-262.
- KULIKOWSKY, Michael – *Late Roman Spain and its cities*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2004.
- MARTINS, Manuela – *As termas romanas do Alto da Cividade. Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta*. Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 1, Braga: UAUM/Narq, 2005.

- MARTINS, Manuela – Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo. In *Do Castro á Cidade. A romanización na Gallaecia e na Hispânia indoeuropea*, Lugo: 2009, p. 181-211.
- MARTINS, Manuela [et al.] – Urbanismo e arquitetura de *Bracara Augusta*: Sociedade, economia e lazer. In *Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia*, Braga: CITCEM, 2012, p. 34-67.
- MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo – Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração. In *Evolução da Paisagem Urbana. Transformação morfológica dos Tecidos Históricos*, Braga: CITCEM/IEM, 2013, p. 11-44.
- MARTINS, Manuela [et al.] – A construção do teatro romano de Bracara Augusta. In *História da Construção. Arquiteturas e técnicas Construtivas*, Braga: CITCEM/LAMOP/UAUM, 2013, p. 41-76.
- MARTINS, Manuela [et al.] – Urban changes in Braga in Late Antiquity: the area of the Roman Theater. Lérida: Universidade Lérida/UAUM, 2015.
- MATEOS, Pedro – El foro provincial de *Augusta Emerita*. Un Conjunto Monumental de culto imperial. In *El foro provincial de Augusta Emerita. Un Conjunto Monumental de culto imperial*, Madrid: CSIC, 2006, p. 315-354.
- MATEOS, Pedro – Los orígenes de la Cristianización urbana en Hispania. *Actas de la VI Reunión de Arqueología Cristiana Hispánica*, Barcelona: Universidad de Valencia, 2005, p. 49-62.
- MATEOS, Pedro; ALBA CALZADO, Miguel – De *Emerita Augusta* a Marida. *Actas del Simposio Internacional Visigodos y Omeyas: Un debate entre la tardoantigüedad y la Alta Edad Media*, Madrid: CSIC, 2001, p. 143-168.